Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

Ano V • nº 216 • Uberaba/MG • de 13 a 19 de agosto de 2002

UNIVERSIDADE DE UBERABA

SHOPPING UBERABA

FEIRA DA ABADIA

fotos: André Azevedo

ESPECIAL

O COTIDIANO DE DUAS REALIDADES CULTURAIS

págs. 6 a 12

issuu-downloader.com

Artigo

Urgência

Texto criado a partir de um exercício em sala, na disciplina de Língua Portuguesa, orientado pela professora Irene de Freitas. O tema? Aquilo que deve-se considerar urgente no mundo.

Luiz Flávio Assis Moura
1º período de Jornalismo

Urgente: é urgente que se descubra o valor do sangue que nos une. É urgente também acreditar na estrutura do átomo e na existência da alma, porque é dolorosa a existência completamente descrente – mais urgente ainda é crer no mundo e nas pessoas, estamos desaparecendo afogados em ti, ó agonia estertorada que te tornaste, vida. Faz-se urgente a aceitação de uma verdade que, na verdade, não é verdade coisa nenhuma, não passa de uma brincadeira de criança como que acompanhada de imemoriais cantigas de roda: a inexistência de razões e propósitos superiores não é algo do qual se deve chorar. É urgente, urgente que todos saibam que – que o sentido da vida é viver, simples assim. Tão, tão – a ponto de transformar-se em sofrimento que dilacera a alma como ventos antárticos remoldando finamente o rosto nevrálgico em carne viva – mas só o é quando não é aceita a vida.

Finalmente, é urgente que dizer a alguém que vos diga – diga que não se luta contra o Deus, não há como. Existir, oh, é puro não-entender, compreender é a limitação do que vive, as coisas não devem ser compreendidas – embora seja necessário compreender minimamente, mas ainda compreender, que não deve haver a preocupação de entender. Viver é muito maior que qualquer entendimento. Mas há tantas outras urgências a enumerar – tantas que não há como listá-las de corpo inteiro, somente porque elas são suplantadas pela coisa mais urgente – a vida em si. Plenificada pela dor e pelo amor, urgente que é aprender a amar – e não esquecer que só se ama somando as incompreensões. Vida, amor, dor e aleluia – é tudo tão urgente e tão doloroso.

É urgente, urgente que todos saibam que – que o sentido da vida é viver, simples assim

O jóquei perdido, óleo de René Magritte (reprodução)

OMBUDSMAN

Ciência aplicada

Newton Luís Mamede

O conhecimento empírico sobre assuntos de fundamentação científica originou o tipo de profissional denominado *prático*. Não se conhece data ou época em que isso começou, mas sabe-se que existe antes mesmo do desenvolvimento da sociedade e do progresso da ciência. Não vamos, porém, reportar-nos à antigüidade nem às origens do fato para considerá-lo à luz do momento histórico atual, dos chamados *tempos modernos*.

O progresso que atingiu e atinge todos os aspectos e setores da história da humanidade, da vida e das ações do homem, atinge, também, a ciência e seus resultados. Já consideramos, neste espaço, por diversas vezes, que a ciência não é estanque, ela acompanha o progresso humano e, por outro lado, é geradora desse progresso. É uma ação e uma atuação mútua. Descobrindo situações, desvendando e explicando fenômenos, desenvolvendo conhecimento, atualizando conceitos, a ciência está em contínuo caminhar, em constante ascensão, em perpétua ampliação de seu objeto, de seu universo de conteúdos, de pesquisas e de resultados. E, conseqüentemente, em progressiva criação e ininterrupta atuação na vida do homem.

Assim como no contexto espiritual se diz que a fé sem obras é morta, pode-se concluir que a ciência, sem aplicação prática, é fantasia

Surge, então, a ciência aplicada. As descobertas que ela realiza, os resultados a que ela chega não ficam confinados em laboratórios e gabinetes, em bibliotecas e museus. Não ficam apenas no mundo *virtual*. Essas descobertas e resultados extrapolam os limites da pura especulação, do simples exercício intelectual, e chegam à sociedade viva, à vida real e concreta do homem, transformando-a, dinamizando-a, melhorando-a. Assim como no contexto espiritual se diz que a fé sem obras é morta, pode-se concluir que a ciência, sem aplicação prática, é fantasia. Ou lucubrações da inteligência. No máximo, um exercício de prazer dos cientistas.

A ciência aplicada é uma realidade e uma necessidade. O conhecimento científico sério e profundo gera não mais o trabalho prático ou empírico, mas o trabalho de fundamentação realmente científica, entendido o termo *científico* em seu sentido filosófico de capaz de explicar os fatos, ou os fenômenos. *Explicar* já diz tudo: conhecer o fato real, tal como ele é, e não como parece ser; ver o fato desvendado, e não camuflado; dizer por que ele é assim, e não de outro modo. Com esses atributos, o trabalho do profissional dotado de conhecimento científico é superior ao do *prático*. E, por ser de base científica, é digno de crédito.

E, agora, cabe a reflexão: como as universidades estão fundamentando cientificamente seus alunos? Como estão preparando os futuros profissionais de nível universitário? Como estão conferindo o caráter de *superior* a seus cursos? Em que medida elas estão discernindo o conhecimento científico do empírico? De que forma elas estão formando profissionais com fundamentação científica, e não *práticos*? Elas estão sendo, de fato, sede da ciência?

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Secretário de Redação: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica do Jornal da Manhã
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Religião

Nos caminhos da fé

Romeiros e pagadores de promessas cortam as estradas do interior mineiro em busca de oração

Ralfer Zaidan

Ralfer Zaidan
6º período de Jornalismo
Maurício de Castro Rosa
5º período de Jornalimo

Romeiros posam para a foto na escadaria da Igreja Nossa Senhora da Abadia da Água Suja

Você já caminhou para Água Suja? Não se assuste com a pergunta. Pois, numa peregrinação que existe há mais de 130 anos, milhares de pessoas cruzam as estradas do interior mineiro em busca do santuário da Nossa Senhora da Abadia da Água Suja – localizada na cidade de Romaria, MG. Nesta época do ano, mais precisamente nas duas primeiras semanas do mês de agosto, uma legião de fiéis louvam Nossa Senhora da Abadia das mais diversas formas. Romaria, um lugar considerado sagrado para muitos, recebe a visita de pessoas originadas de toda a federação e se transforma com o comércio informal principalmente nas duas primeiras semanas do mês de agosto.

É válido registrar o sincretismo religioso existente para a santa. Independente da religião, credo, culto ou outras formas de adoração ao Criador e sua história, católicos, foliões de reis, participantes do congado e até mesmo profanos, marcam presença no santuário. A denominação "Água Suja", vem da época da colonização do Triângulo Mineiro. Portugueses presentes na região garimparam as margens ricas dos rios triangulinos. Por vez, encontraram diamantes e até mesmo o tão cobiçado ouro.

Data-se o ano de 1967, quando um homem vasculhando as beiras de um córrego, observou a presença de muito cascalho brotado – um forte marca de possível existência de diamantes. Logo, a notícia tomou proporção, ocasionando a vinda de milhares de pessoas para o então pequeno povoado de Romaria. A mineração inadequada acabou transformando o manancial de águas limpas, em uma nascente com água barrenta. Por isso a denominação de Água Suja. E é lá que todo ano acontece a caminhada de fiéis que pagam promessas, reforçam a fé, auxiliam aqueles que se dispõem pela estrada ou simplesmente acompanham os romeiros. Conta-se muitas histórias interessantes, onde a vida e o amor são presenças constantes.

Há mais de 130 anos, milhares de pessoas fazem peregrinação rumo ao santuário da Nossa Senhora da Abadia da Água Suja

"Em uma conversa distraída e nos poucos minutos que se seguiram, perguntei a Valmir Júnior o que fazia com aquele embrulho. De longe, me parecia um pedaço de pano qualquer. Talvez em cores mais exorbitantes e destacadas. No primeiro momento, estranhei. Porém, Valmir não perdeu tempo afirmando que se tratava de um colete sinalizador. Aquele objeto daria condições de segurança àquele homem que por mais uma vez, estaria caminhando pela fé. Um percurso repleto de questionamentos e histórias de vidas.

Reflexão

Andrey Gomes Pereira, aparentemente mais tranqüilo, em silêncio interior e com uma expressão otimista na face, também se preparava para a jornada. Logo questionei por que fazia isso. Sem margem de dúvidas, respondeu que era o seu momento de reflexão. Rebati questionando sobre a fé. Católico, respondeu que não pagava nenhum tipo de promessa.

Observando as objetivas palavras do caminhante, um gesto de agradecimento parecia surgir com os minutos. – *Não irei pagar promessa. É neste momento que agradecemos pelas coisas que conquistamos ao longo da vida; e também, de observarmos os sofrimentos enfrentados por muitos. Trabalho em uma posição confortável. Caminhar durante quase três dias completos e começar sentir dores fortes nos pés, nos faz questionar sobre a nossa existência. Muita gente possui estas dores diariamente. É hora de reflexão*, completa."

Caminhar durante quase três dias completos e começar sentir dores fortes nos pés, nos faz questionar sobre a nossa existência"

Quando Valmir terminava de comentar sobre a expectativa da viagem que estava prestes a fazer, uma relação entre o voto e a promessa à Nossa Senhora da Abadia poderia ser destacada. O voto seria o amor, a adoração e respeito que o fiel mantém com a santa. A promessa, por sua vez, seria um vínculo curto, com validade e um valor – o "pagamento" pela graça recebida por exemplo, é feito na maior parte das vezes com a caminhada até o santuário. Para ele, que pelo terceiro ano consecutivo estaria fazendo o percurso, a vontade de caminhar partia do princípio de estar bem consigo mesmo.

Está marcado para o próximo dia 15, o grande momento de louvor à Nossa Senhora da Abadia da Água Suja

issuu-downloader.com

Sociedade

Os campeões do jogo da vida

Deficientes visual superam as dificuldades e se destacam no esporte e na vida profissional

Filipe dos Santos já ganhou medalhas de ouro, prata e bronze em campeonatos de natação

Claudinei Honório
8° período Jornalismo

Filipe Tavares dos Santos, 12 anos, é uma criança como outra qualquer. Gosta de brincar com os amigos, estudar e principalmente fazer natação. Já ganhou três medalhas, sendo uma de ouro, prata e bronze. Até aí tudo bem e nada mais natural do que um jovem praticando esporte. Mas a realidade do garoto é bem diferente. Ele possui uma síndrome denominada de B1, que significa ser totalmente cego. Filipe não enxergar absolutamente nada, o que não o impede de praticar vários esportes e até mesmo ganhar, como no caso da natação.

Além da família, o menino recebe apoio do Instituto de Cegos do Brasil Central de Uberaba (MG) para estudar e praticar esporte. Seu tempo fica dividido entre as aulas na parte da manhã e os treinos de natação que acontecem duas vezes por semana durante a tarde. O restante do período passa geralmente na oficina mecânica com o pai. "Eu já desmonto e monto carburador sozinho, meu pai me ensinou, demorei um pouco para aprender, mas hoje já consigo fazer o serviço sem que ele me ajude, também lavo peças e até troco rodas", afirma.

Atualmente cursa a terceira série primária e já pensa no futuro. Pretende seguir os passos do pai e se tornar um bom mecânico. "Quero trabalhar e montar uma oficina e também ter um carro", comenta. Apesar das dificuldades que o garoto sabe que enfrentará ele não se preocupa muito. Elogiado por todos os professores, Filipe está confiante no futuro que tem pela frente, apesar de sua deficiência visual.

Como Felipe, os portadores de deficiência visual desenvolvem várias habilidades e a maioria leva uma vida normal, trabalham, estudam, moram sozinhos ou constituem família como é o caso de Adilsson Antonio da Silva, 35 anos. Ele nasceu com um grau de deficiência visual não muito grande, mas o caso foi se agravando.

Adilsson conseguia ler e escrever, estudou até a quarta série do ensino fundamental, quando começou a perder totalmente a visão. "Eu comecei a escrever em cima das linhas que já estavam escritas e por medo e timidez abandonei os estudos", relembra. Hoje enxerga apenas luminosidade. Sua irmã também possui o mesmo problema. Tiveram retinose pigmentar. De acordo com Adilsson a causa é indeterminada.

Adilsson conseguia ler e escrever, estudou até a quarta série do ensino fundamental, quando começou a perder totalmente a visão

Casado com Ana Lice da Silva, que também é deficiente visual, os dois tiveram um filho que está com três anos, Marcos Vinícius da Silva. Ele não possui nenhum tipo de problema na visão. Adilsson é professor de Matemática e Ciências no Instituto dos Cegos, e sempre busca alcançar seus objetivos. No fim do ano ele conclui o curso de Pedagogia Especial na **Universidade de Uberaba**.

Segundo ele, o deficiente visual tem que se desdobrar, pois quase nunca encontra material para estudar. "Você precisa ter um conhecimento geral muito grande, pegar todo tipo de informação, buscar entender tudo, pois isto pode contribuir e muito na sua vida e na sua escolaridade. Tudo que escuto, seja em notícias ou até propaganda eu tento assimilar de uma maneira que vai ser útil no futuro", conta Adilsson.

issuu-downloader.com

As dificuldades

Mesmo desenvolvendo de maneira inigualável a audição e o tato os deficientes deparam-se com dificuldades que não são superadas por esses sentidos. No caso do professor, as dificuldades estão presentes dentro de casa, quando precisa lidar com remédios do filho. "Identificar o medicamento é fácil, o difícil é saber as reações, como no caso de vermelhidão. Se o remédio é em gotas então não tem jeito, vamos ter que pedir ajuda", ressalta.

A batalha de Adilsson é ter que vencer os obstáculos todos os dias. Na faculdade sempre precisa da ajuda dos colegas para acompanhar a turma. Na rua encontra dificuldades principalmente nos passeios em que são colocadas as caçambas de entulho, sem falar na má conservação dos mesmos. Os portões das casas se tornam grandes vilões quando esquecidos abertos no meio da calçada. Mas para Adilsson, o problema maior são as lixeiras de ferro que brotam na rua da noite para o dia: "a gente nunca se sabe onde elas estão, se no meio da calçada ou perto da rua", completa. O formato dessas lixeiras surpreendem os deficientes de maneira dolorosa. "Elas quase nunca são redondas e a gente sempre bate de frente e acaba se machucando. Estou com a barriga arranhada pois no meio do caminho havia uma lixeira cheia de quinas", disse .

O professor deixa sua indignação explicita e ressalta o que teria que melhorar na cidade para que o deficiente visual pudesse ter uma vida com menos dificuldades. "Eu tenho na minha mente, mais ou menos, um mapa da cidade. Sei como chegar aos locais, mas quem ainda não conseguiu mentalizar isto, fica difícil. Por isso os ônibus escolares são importantes; a padronização dos passeios também amenizaria. Poderia haver também nos pontos de ônibus, uma caderneta escrita em Braile e em tinta ampliada assim poderíamos saber as linhas e os números dos ônibus. Por exemplo, se estou no ponto e quero pegar um ônibus que vai para o Primavera, vou saber a linha e o número. Tendo a tinta, o número vai ficar na minha mão, vou mostrar para o motorista e se não for o meu ônibus ele não vai precisar parar sem necessidade. Esse serviço poderia ser implantado, uma vez que não é imaginação, já existe em Franca (SP)", finaliza Adilsson.

O Instituto

Com 60 anos de existência, o Instituto dos Cegos oferece um grande número de atividades específicas para os deficientes visuais. Eunice Vieira Abraão Borges, diretora do instituto e conhecida como Nicinha, destaca que o grande trabalho realizado com os deficientes visuais está ligado a oficina pedagógica, onde se trabalha as habilidades deles aprimorando o dom de cada um.

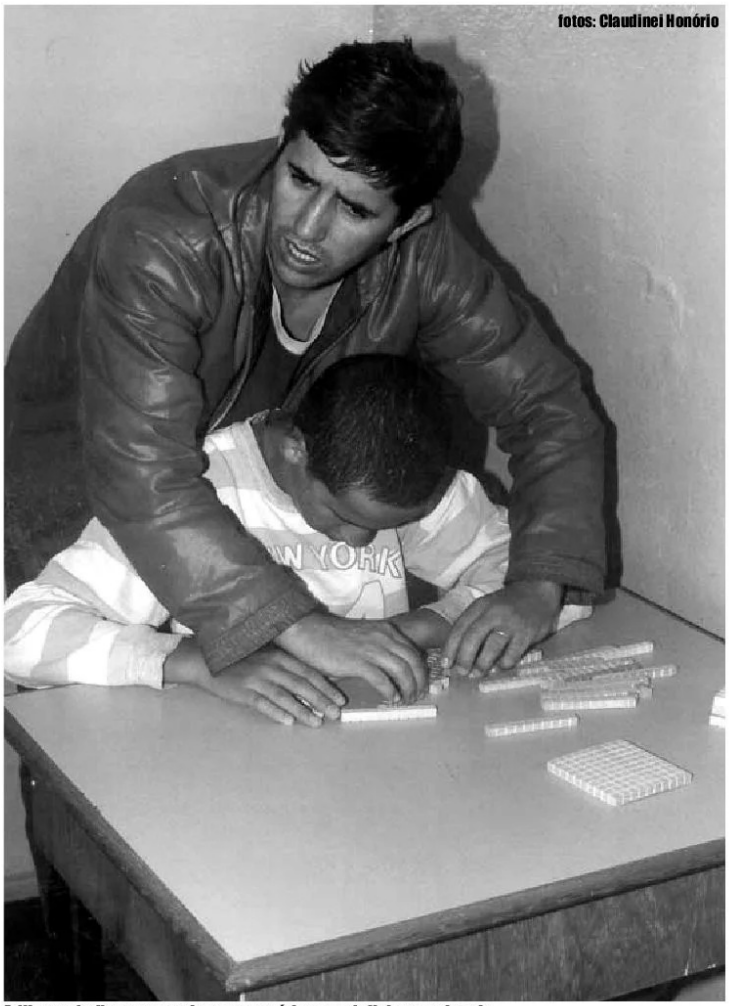
"Um grande passo que foi dado por nós, consiste em um projeto chamado bolsa de trabalho. O estado nos passa uma ajuda de custos e selecionamos alguns alunos para que possam desenvolver algum tipo de trabalho, buscamos empresas que se dispõem a nos ajudar e fazemos o treinamento de alguns destes deficientes. Caso ele saia bem, o empresário em questão o contrata e a partir de então ele começa a andar com suas próprias pernas e a receber pelo seu serviço", conta.

muitos empresários chegam a falar que uma pessoa cega deve pedir esmola e não tentar trabalhar

Apesar de todo o empenho dos diretores, coordenadores e professores do Instituto, muitos empresários preconceituosos, segundo Nicinha, chegam a falar que uma pessoa cega deve pedir esmola e não tentar trabalhar. "Mesmo assim não desanimamos e sempre tentamos buscar uma nova ajuda", afirma a diretora.

O grande incentivo do Instituto está relacionado ao estudo. Apoiam o aluno desde o ensino fundamental, até poderem entrar numa faculdade. Lá é oferecida uma modalidade de ensino chamada orientação e mobilidade para ajudar o deficiente a se locomover nas ruas da cidade. "Sempre orientamos para que eles não tenham medo de pedir ajuda, muitos ouvem quando o sinal muda, sempre ficam com dúvida se podem ou não passar a rua. Nós fazemos todo o trajeto com eles, orientando onde tem sinal, faixa de pedestre, sempre ressaltando que eles podem e devem pedir ajuda quando se sentirem seguros", explica.

fotos: Claudinei Honório



Adilsson dedica-se a ensinar matemática aos deficientes visuais

Eunice Vieira, a diretora do Instituto, destaca a oficina pedagógica como grande incentivo aos deficientes

Instituição vive de doações

Os serviços desenvolvidos pelos deficientes visuais são os mais variados e vai da capacidade de cada um. O instituto já conseguiu uma grande conquista. Inserir no mercado de trabalho mais de dezoito pessoas e atendem hoje cerca de 130 entre crianças, jovens e adultos.

A instituição vive de doações de toda a sociedade de Uberaba, e ainda conta com uma grande ajuda de voluntários.

issuu-downloader.com

Cultura

Cotidiano revela estruturas sociais

Exercício de descrição reúne detalhes de dois ambientes distintos na cidade – a feira da Abadia e o Shopping Uberaba

Da equipe de reportagem

Um grupo de sete estudantes de Jornalismo saiu a campo para um exercício de descrição de cotidiano, cujo objetivo era captar alguns dos traços principais de dois ambientes tidos como bem distintos: a *feira da Abadia* e o *Shopping Uberaba*. Esse trabalho foi inspirado no livro *Direito à ternura*, de José Carlos Restrepo, sugerido pelo professor de Teoria da Comunicação, Raul Osório, e apresentado em sala de aula para a turma de 2º período de Comunicação Social, sob orientação da professora Cássia Cristina Marinho. No livro, Restrepo argumenta, entre outras coisas, que pequenos fenômenos afetivos do cotidiano são reveladores das grandes estruturas sociais.

A prática cautelosa e minuciosa da descrição do cotidiano foi capaz de revelar detalhes que passam despercebidos pelos próprios frequentadores

Para redigir os textos, a equipe procurou evitar estereótipos e julgamentos morais. O esforço foi direcionado basicamente no sentido de observar e anotar pequenos acontecimentos do dia-a-dia que, em conjunto, poderiam revelar muito da essência desses ambientes.

Cada estudante ficou responsável por um critério determinado. Felipe Augusto observou o relacionamento dos pais com os filhos; Raika Moisés ficou atenta às músicas e roupas usadas pelos frequentadores; Karine Rogério tentou descrever os cheiros característicos; Soraya de Sousa prestou mais atenção nos produtos vendidos; André Azevedo largou-se à descrição do meio em geral; Ana Márcia Dorça acompanhou a equipe e colaborou na captação de informações. Vaides Jr. e André Azevedo cuidaram das fotografias. Esses mesmos critérios foram aplicados nos dois ambientes. Foram feitas duas visitas, nas manhãs e tardes de 4 e 11 de agosto. A primeira serviu para a captação de dados, e a segunda para conferência de informações e mais uma sessão de fotos.

Se esse exercício continha o risco do fracasso –caso mostrasse apenas o óbvio– o resultado final, ao contrário, ficou muito interessante, e por vezes surpreendente. A prática minuciosa da descrição do cotidiano foi capaz de revelar detalhes que, normalmente, passam despercebidos pelos próprios frequentadores, distraídos pelo hábito. Como análises e interpretações foram propositadamente evitadas, cabe ao leitor, portanto, fazer, se quiser, suas próprias comparações e juízos de valor.

As descrições do Shopping ficaram naturalmente menores, devido à padronização característica desse ambiente.

Feira da Abadia, uma das mais tradicionais da cidade, é considerada folclórica por moradores do bairro

foto: Luis Felipe Silva

"Venho à feira pra ficar com o povo no fu

Moradores do bairro Abadia fazem do espaço público um programão da manhã de domingo

André Azevedo
2º período de Jornalismo

Domingo, 9hs da matina. O burburinho ferve mais a frente. Um pingado (café com leite) duplo e um pão de queijo enorme, daqueles que substitui almoço, R$1,40. Na padaria Hawaii um cartaz da Festa da Abadia. Rua, gente, carro, sol, música ao vivo. Uma moça canta ao microfone, seguindo a melodia de um desses teclados de músico de restaurante. É a barraquinha do projeto Cidade Viva, da prefeitura, que faz teste para diabete etc, corta cabelo etc.

"Feira, nas capitais, todo mundo vai! Aqui em Uberaba, as madames têm preconceito e nunca vêm"

Dona Aparecida deve estar por aí. Dois vendedores de picolé de marcas rivais, Tabapuã e Coelhinho, conversam amigavelmente. Algumas lojas da rua estão abertas, aproveitando o movimento. *Tire aqui sua habilitação*: um rapaz da autoescola resolveu estacionar o carro em frente a Xiliki Moda Infantil, e aí colocou uma mesinha de aço com um guarda sol e agora fica lá atendendo os interessados.

Dois cachorros rodeiam a banca de carne. As linguiças cruas balançam apetitosas (para os cachorros, evidentemente). Costela, pernil, lombo, suan, toicinho – "Toicim é 1,50. Precisa anotar mais alguma coisa? Peraí que te atendo", diz Marquinho Açougueiro, feirante e morador do bairro. Marquinho explica que na feira não pode vender carne de vaca, só suíno. "A bovina precisa de mais refrigeração, porque não dá para abater a vaca no mesmo dia, ou no dia anterior, e já trazer pra cá. Não pode ficar exposta. Suíno pode, essa carne aí é de porco abatido ontem à noite, tá fresquinha", explica. Carne de vaca, só se for o charque (carne seca). OFERTA - RETALHO R$3,50 Kg - 3Kg por R$10.

Cláudio Alberto Souza, 27, e o filho Ítalo caminham no meio do aglomerado de gente. "Nem sempre tenho tempo para vir passear na feira nos domingos. Faço trabalho voluntário num asilo e também no centro de umbanda Caboclo Beira Mar. Participo das atividades e do atendimento social", diz. Carla Marília Menezes, estudante de Jornalismo, também gosta de passear na feira. "Venho à feira pra ficar no meio do povo no fuá", diz.

Mônica Rodrigues de Oliveira diz que vai à feira quase todos os domingos, e considera a feira da Abadia folclórica. "Às vezes venho só pra passear, mas acabo comprando uma coisinha", afirma. Uma feirante, que preferiu não se identificar, disse que muitas pessoas tem vergonha de visitar esse espaço. "Feira, nas capitais, todo mundo vai! Aqui em Uberaba, as madames têm preconceito e nunca vêm. Por exemplo, às vezes vão em floricultura chique, pagam caro por flores às vezes murchas, mas não vêm comprar na feira de jeito nenhum", diz.

Um cachorro preferiu rodear a pastelaria. Dona Maria Aparecida está lá na frente, dando tapa em bunda de homem. Logo chegaremos nela. Farinha de soja, sacos de milho, feijão branco e preto, óculos de sol, laranja, baculejo (êpa!), doce de pêssego em calda, um ambulante fincou uns espetos de algodão doce e amarrou umas bexigas num pau e anda pra lá e pra cá, encontra-se com outro vendedor de algodão doce, que joga conversa fora com um vendedor de sorvete, em frente à II Igreja Presbiteriana de Uberaba.

Cláudio Alberto leva seu filho Ítalo para passear na feira

issuu-downloader.com

Crianças ajudam pais a comprar e vender

Manhã de domingo serve para passeio, ou para ganhar um dinheirinho extra

Felipe Augusto
2° período de Jornalismo

Grande quantidade de crianças acompanhadas dos pais vão à feira para tomar refrigerante e curtir a manhã.

É comum ver crianças que ainda nem saíram do colo, levadas pelos pais no carrinho de bebê. Na maior parte das vezes, é o pai que carrega os meninos. Muitas avós também levam seus netinhos. Para "ajudar a vovó na feira".

As mais crescidas os ajudam nas compras e dão palpite na escolha dos produtos. Outras, do lado contrário do balcão, vão cedo para a feira para ajudá-los no comércio. Outros vão pedir esmola junto com os pais.

Algumas são vistas fazendo"pirraça" em frente a uma barraca de doce. É comum ouvir o sonoro "EU QUERO!!" e como resposta um não menos sonoro "NÃO, SÓ DEPOIS DO ALMOÇO". Mais intensa ainda é a "pirraça" pelo brinquedinho que "TEM ALI" e que a mãe sempre "VOLTA DEPOIS PRA COMPRAR".

Alguns pais deixam seus filhos, normalmente pré-adolescentes, olhando barracas de seu interesse enquanto vão às compras. Muitas crianças do bairro se divertem na feira correndo, andando de bicicleta, simplesmente vendo as pessoas, ou até mesmo aproveitando para ganhar um dinheirinho.

Dona Maria Aparecida é uma figura querida na feira

fotos: Vaides Jr.

Açougues de feira não podem vender carne de vaca, por causa da falta de refrigeração. Só pode vender carne suína

Jefferson Moura da Silva, 15, comprou um pato por R$10,00. "Meu padrasto que vai matar. Hoje mesmo a gente come ele no almoço"

Ovos caipira - R$1,50 a dúzia. TEMOS OVOS DE PATA. Mata mosca, CD. Galinhas vivas na carroça gradeada, uma menina segura um algodão doce ainda fechado e chupa a pontinha do plástico, boné das Garotas Superpoderosas. Dois patos em uma gaiola, sentados sobre um monte de alface, observam o movimento, meio apreensivos. "Tem gente de todo tipo. Até político", diz alguém.

Um morador da avenida Prudente de Morais reclama da sujeira deixada pela feira na tarde de domingo. "Minha mãe mora bem em frente à feira. Todo domingo ela quase tem um *tico-tico*", diz.

Macaquinho de pelúcia, espada de plástico "Dragões do Deserto", cueca. Churrasquinho morno na churrasqueira. Bonequinho do Chapolim que faz bolinha de sabão. A feira não acaba. Calças de moleton, martelo, tamancos, roupas coloridas dispostas sobre um plástico alaranjado, cortador de legumes universal, sacas de cebola. "Ó, hoje eu tô doido! Três baldes por dois reais, hein! Hoje eu tô doido, hein! Eu tô doido!", grita o feirante.

Aí está, finalmente, a dona Maria Aparecida, figura popular na feira. "Vira as costas para ela pra você ver. Ela bate na bunda de tudo quanto é homem", afirma a feirante Nilva Borges. Dona Maria vai pela feira segurando uma notinha de um real e compra uma alface, depois sai pedindo coisas para as pessoas e então troca por qualquer coisa na outra banca. "Todos têm um carinho especial por ela. Ela é muito alegrinha. Minha filha adora ela", diz Nilva.

No domingo posterior (dia 11), lá estava dona Maria Aparecida, segurando seu carrinho de compras, contando alguma coisa para Maria Angélica, outra feirante. "Ela dizia que uma mulher tiha dado uma boneca pra ela, e ela gosta de brincar", disse, mais tarde. A feirante confirma que todo domingo dona Maria aparece na feira. "Ela conversa e brinca com todo mundo. Às vezes nem pede, as pessoas já dão as coisas", diz.

OVOS COM DUAS GEMAS - 30 POR 3,80. Os cachorros não estão nem aí para os frangos da máquina assadeira – televisão de cachorro – da M & M Queijos, frangos e frios. Preferem vagabundear na feira. Um senhor enche uma garrafa plástica com garapa.

Bucha, cadeira de plástico, espada colorida, tampa de panela – conserta-se panelas na hora – vaso de flor, saco de humus, toalha do Pica-pau. Um senhor de cadeira de rodas informa as horas para sua companheira, também de cadeira de rodas: 10h19. Um garoto de uns sete anos mexe na cadeira e fica perguntando coisas. Peixe, cenoura, abacaxi, mandioca, sangue e gordura de uma linguiça fincada no gancho escorrem na bacia de plástico sobre a prateleira. Um cachorro, olhando, nem pisca. "*MIXIRICA*, 0,49 Kg", pimenta colorida na garrafa, jiló, sorvete colorido.

> **"Ovo de duas gemas dá galinha aleijada. Nascem de quatro patas, de duas cabeças, quatro asas"**

Mais tarde, no bar do Renato, João de Assis, 42, morador do bairro que, além de ser dono de uma marcenaria, ainda cria umas galinhas caipiras, explica por que não se deve deixar chocar os ovos de duas gemas. "Ovo de duas gemas dá galinha aleijada. Nascem de quatro patas, de duas cabeças, quatro asas. Antigamente isso usava muito em circo, exibiam as coitadinhas. Hoje é proibido, não pode deixar chocar. É uma judiação", diz.

Algumas pessoas lembraram que antigamente a Abadia tinha o apelido de Coréia. "É porque aqui matavam um por dia", diz um morador do bairro que preferiu não ser identificado. "O pessoal do centro não vinha aqui de jeito nenhum. E era mesmo uma bagunça, tinha ronda da polícia o tempo todo. Mas não tem isso mais não, hoje é gostoso demais. Hoje, todo mundo quer vir morar na Abadia", entusiasma-se.

issuu-downloader.com

Música ambiente vai do rap à máquina de moer carne

Profusão de toca fitas, assobios, passos, tosses, choros, gritinhos e cantadas baratas fazem a trilha sonora da feira. Roupas e acessórios de vários estilos convivem no mesmo espaço

Raika Julie Moisés
2° período de Jornalismo

André Azevedo

Pedestres, bicicletas e carros dividem o espaço da avenida Prudente de Morais na feira de domingo

Dia quente de domingo. Do caminhão de som, ouve-se uma voz feminina que tenta animar o público puxando um forró. Ela grita: "Vai rolar a festa", surgem alguns aplausos. Um senhor de mais ou menos 70 anos improvisando uma dança, é observado, algumas vezes aplaudido, chamando atenção de quem está a sua volta. As pessoas fazem fila para cortar o cabelo de graça. No meio da feira ainda ouve-se vagamente a voz do locutor do caminhão de som.

Há um som diferente de música, parece um som vivo, e é vivo. Chinelos, espirros, objetos que caem, choros infantis, tosses; alguém pede desculpas, palmas, gargalhadas. Muitas pessoas param de frente a uma barraca que vende cocô falso, a vendedora lança um sorriso quando indagada sobre o produto e diz: "Além de assustar, serve como enfeite, 'vamu levá' logo dois", vira-se de costas e apanha outras mercadorias. Panelas, panos-de-prato, cortinas, vassouras, ímãs de geladeiras, "tudo é vendido" alguém comenta. Velhos carregam muitas sacolas, procuram seus netos, cumprimentam conhecidos, piscam pras moças, lançam cantadas, despedem-se. Dentre a multidão e as barracas, há também vendedores ambulantes que usam de um *marketing* especial para atrair fregueses: contam piadas e cantam.

De repente, os sons se encontram: rap e máquina de moer cana: *tum tum tac, bzzzzzz, tum tum tac, bzzzzzz*. Desliga-se a máquina, o rap é substituído por um pagode, algumas pessoas dançam, um rapaz pede ao vendedor de CD: "Cara, coloca o samba do doente, pro meu chapa ouvi", e o vendedor coloca a música pedida, as pessoas que passam pelo local, ouvem a música e disparam gargalhadas. Mais adiante, o som torna-se vivo outra vez, é o som que sai das pessoas, chinelo, tosse, bocejo, assovio.

"Cara, coloca o samba do doente, pro meu chapa ouvi"

Muitas barracas vendem e trocam artigos usados, roupas, discos de vinil, eletroeletrônicos, calçados, acessórios etc. Quatro mulheres, aproximam-se de uma barraca repleta dos livros 'Júlia, Sabrina e Bianca', procuram por edições antigas, comentam as estórias juntamente com a vendedora e sugerem, umas às outras, as melhores coleções. O som retorna, primeiro sertanejo, depois Julio Iglesias. No mesmo quarteirão, um pouco adiante, toca Trio Parada Dura. Na barraca, a promoção : 1 CD a R$5, 3 CDs por R$10 e a dois metros toca *Anjo* da Kelly Key.

CDs nacionais e internacionais. Kelly Key, As preferidas do BamBam, Bob Marley, Zezé Di Camargo e Luciano, Zeca Pagodinho, Elis Regina, Os Racionais, Desejos de Mulher, Ivete Sangalo. Fitas cassete: Tião carreiro e Pardinho, Bruno e Marrone, Barrinha, The Best of Gun's n' Roses, Julio Iglesias - "Um hombre solo", Molejo, Dalvan, Berenice Azambuja, Praião e Prainha, Elvis Presley "Ainda Vive", Wando, Francisco Petrôneo e coletâneas do tipo "Canto, Bebo e Choro".

Na calçada, atrás das barracas, algumas lojas estão abertas acompanhando o movimento e a popularidade da feira. Mesmo que não se queira, sempre se é notado, nada passa desapercebido. As pernas de um grupo de garotas que veste tops, shorts e calças que deixam a barriga à mostra, são elogiadas por três rapazes sem camisa, de bermuda e chinelo. Um deles usa óculos escuros e rastafári no cabelo. Uma grávida de aproximadamente oito meses, passa, nos aborda e sugere: "Meus amores, já que vocês escrevem tanto, escrevam aí 'Barriguda, gostosa, tesuda, maravilhosa". Depois se despede e sai correndo em direção a uma outra criança.

Um homem bêbado olha para os lados e grita: "Nossa, que fedô de torresmo", e sai correndo

Rogério Barbosa Rodrigues, vendedor de alfaces, se aproxima e diz: "Moça, dois pezão de alface fresquinho, desde as três da manhã que eu tô de pé, mas se você não levá o alface, leva meu autógrafo" pede a caneta e assina o papel. Um senhor observa o movimento, elogia as pessoas e caminha tranqüilamente. Marcos Miranda, faz a seguinte propaganda: "Barraca de artesanato que grava o nome na hora", um homem bêbado olha para os lados e grita: "Nossa, que fedô de torresmo" e sai correndo, dando alguns pulos. Já no final da feira, toca Racionais MC's . Há uma exposição de CDs de todos os gêneros, mpb, rock, axé, pagode, coletâneas, forró e internacionais. De repente, muda-se a música, do rap para o sertanejo romântico de Rick & Renner. Uma senhora baixinha, sorri para as pessoas enquanto empurra um carrinho muito pesado, é a dona Maria Aparecida. Em outro quarteirão, três gêneros musicais diferentes tocam em barracas diferentes. Um homem distribui panfletos fazendo a seguinte propaganda: "Toma, pra vocês comprarem um lote e dá pro namorado". Cabelos loiros, vermelhos, pretos, castanhos, compridos, curtos, rastafáris, toucas de lã, chapéus de praia, lenços, gorros, sorrisos amarelos, perfeitos, falhados, negros, brancos, amarelos, mulatos, felizes, tristes, sóbrios, bêbados, casados, solteiros, sérios, tímidos, ricos, pobres, intensos, únicos. O som alto. O sol esquenta. A feira, está no fim. Um dia mais quente, em um domingo ensolarado.

issuu-downloader.com

Linguiça, alicate, doce de leite, relógio, alface, galinha, cueca, garapa

Produtos e serviços são oferecidos aos gritos e gargalhadas em bancas coloridas e concorridas

Soraya de Sousa Higino
2º período de Jornalismo

Pessoas transitam por todos os lados. Umas carregam sacolas, outras puxam carrinhos. Algumas só olham. Na esquina, cabos eleitorais seguram bandeiras e fazem propaganda de candidato sorridente.

Lingüiças e carnes penduradas. Uma senhora observa. O açougueiro empunha a faca ensangüentada. Pessoas rodeiam a barraca. Cães rodeiam a barraca. Panos de prato e vasos pintados à mão. Forros de crochê. Senhoras conversam. Bacias, baldes, vasilhas, talheres, escorredor. Os vendedores negociam. Alface, couve, tomate, cenoura. Banana, maçã, laranja.

O açougueiro empunha a faca ensangüentada. Pessoas rodeiam a barraca. Cães rodeiam a barraca

- É tudo natural! Um real a lata de laranja!

Amolador. Alicates, relógios. Uma garota se aproxima:

- Meu relógio parou. Você troca a bateria?

Uma placa de ferro sustenta inúmeros ímas. Bonequinhas, animaizinhos, flores, corações. Tudo colorido. Doce de leite, pé-de-moleque, amendoim, paçoca. Doceiras usam jalecos brancos. Barraca concorrida. Pimentas amarelas, verdes e vermelhas dividem o espaço. Grãos de café. Uma máquina. Café moído. *Ou compra por quilo (moído) ou bebe na hora.* CONSERTOS EM GERAL. Eletrodomésticos. Verduras e objetos artesanais. COMUNIDADE CAMINHO DA VIDA. Fazenda de recuperação para drogados.

- Nós plantamos, cuidamos, colhemos e trazemos pra cá pra vender. É tudo feito por nós! - garante José Luiz, 40, residente e orientador.

Cana. Outra máquina. Garapa. Numa caixa, sob o sol, galinhas disputam um espaço. Uma vez ou outra uma sai do aperto ao ser escolhida por alguma cliente. Azar dela, vai morrer logo; ou sorte dela, pelo menos saiu do aperto. Camisetas, calças, bermudas, saias. No cabide ou sobre lonas no chão. Em frente, sandálias *hippies* da Bahia. Sol quente. Livros e gibis usados. A vendedora faz recomendações e dá palpites para uma cliente. De *Turma da Mônica* à *Sabrina*. Mini-sebo. Peixes estirados nas fôrmas, lado a lado. Refrigerante. Cerveja. Coxinha, quibe, esfirra. PASTEL. Gente. Gente. Gente. Milho verde e facão. Pamonha. *Teletubbies* fazem bolinha de sabão. Dezenas deles. Crianças em dúvida sobre qual levar. São todos iguais. PROMOÇÃO. Uma calcinha de oncinha esticada no cabide. Dois reais, apenas. Um fogão e algumas peças ao lado. S.O.S. FOGÃO. SÓ NÃO VENDE O BOTIJÃO.

André Azevedo

Erickson Sousa Ribeiro, 20, morador do Jardim Maracanã, depois de participar do culto da Igreja Pentescontal Chegada de Cristo, passou pela feira da Abadia para comprar o presente do Dia dos Pais. "Acredito que aqui tem de cada coisa um pouco"

- Meias e cuecas!!!!

Flores naturais. Espécies e cores variadas. Pessoas andam para todos os lados.

Som alto. Sol alto. Calor. Disco de vinil. Raridades. Enciclopédias. Jogos educativos. Bazar da pechincha. Pipas. Um garoto não sabe se leva a do Cruzeiro ou a do Atlético Mineiro. Água de coco. Sapatos de salto alto. Churrasco, farofa, molho de tomate. Um bebê dorme sossegado, à sombra do carrinho. Panela com mel no favo. Direto da fazenda. Mais alface. Colhida às 3 da manhã.

Cheiros atraem pessoas, cachorros e abelhas

Cheiro de gente mistura-se com fragrâncias de flores, comida e monóxido de carbono

Karine Rogério
2º período de Jornalismo

Localizada em plena avenida, carros passando pra lá e pra cá, o ambiente da feira é carregado por monóxido de carbono. Caminhando entre as bancas, cada qual com seu cheiro característico, pode-se perceber enorme variedade de aromas e odores. Sente-se então o cheiro da carne numa das primeiras bancas, carne de porco, abatido um dia anterior para a carne estar fresca. O cheiro não possui grande alcance: fica restrito a quem se aproxima do "açougue". Alguns passos adiante e percebe-se o cheiro de gordura vindo dos salgados e pastéis fritos na hora, um dos grandes sucessos da feira.

Andando entre a multidão, cada pessoa tem um aroma diferente. Na banca das flores, cujo perfume é abafado pelos cheiros das redondezas, passa alguém cheirando à alfazema. Novamente o cheiro de carne crua e pouco adiante de carne na chapa, o vendedor grita: "Olha o sanduíche de carne". A chapa de carne picada solta fumaça gordurosa que dá ao local aquele aroma que faz boca salivar. A hora se adianta e o número de transeuntes aumenta consideravelmente. O cheiro de suor, vindo particularmente dos homens, fica no ar. Alguns passos depois, o cheiro de milho, espiga cozida e assada, pamonha, curau, bolo de milho predominam.

Alguns passos e uma brusca mudança. Agora são os temperos: alho, cebola, pimenta, cebolinha verde, salsa

Conversas por todos os lados, as músicas variam a cada passo. Somos abordados por um vendedor que tinha em uma das mãos um copo de cerveja, e na outra, a metade de um limão. Ele perguntou: "Vocês estão anotando telefone? Querem meu número?". Explicamos que o objetivo não era anotar telefones.

Feira lotada. Agora os sentidos voltam-se para uma grande quantidade de charque pendurada na parte superior de uma banca, ao lado de mexericas, laranjas, abacaxis, frutas que exalam aroma cítrico. Mais uns passos e os doces agora parecem ser o centro da feira. Não há espaço para a quantidade de clientes vorazes por doce de leite, pé de moleque, ameixas de queijo, goiabada, bananada, tudo exalando o perfume que atrai homens e abelhas.

Alguns passos e uma brusca mudança. Agora são os temperos: alho, cebola, pimenta, cebolinha verde, salsa. Mais uma vez flutua a fumaça dos pastéis. Andar fica difícil. Pode-se notar cheiro das pessoas se misturando, se esfregando. Um homem espreme cana e tira caldo doce com perfume suave. Galinhas vivas, um cheiro diferente, ácido. Na banca ao lado, o campeão dos aromas, o peixe. Do outro lado, o vendedor grita: "É um real o pedaço de rocambole". Têm-se agora galinhas mortas, postas em saquinhos, e o aroma continua estranho. Passos adiante e encontra-se novamente uma banca de peixes, postos no gelo, rodeados por moscas. Mesmo gelado, é cheiro de peixe do mesmo jeito.

Desodorantes vencidos, aromas exóticos em homens e mulheres. As bancas de roupas possuem o característico aroma de roupa usada. O churrasquinho tem seu perfume espalhado por grande parte da avenida, fumaça que invade narizes, olhos roupas, cabelos.

issuu-downloader.com

Shopping Center: the book is on the table

Ar condicionado, ruídos sob controle, vitrines e pisos limpos são o cenário para um happy hour de domingo

André Azevedo
2º período de Jornalismo

Um homem com a camiseta do Flamengo, sentado num banquinho, coça o joelho. Pessoas sentadas nos bancos olham em silêncio para as vitrines e para as outras pessoas que caminham vagarosamente pelos corredores, que, por sua vez, também em silêncio, lançam olhares para as vitrines e para as pessoas sentadas.

"Venho ao shopping por falta de opção. Não que o shopping seja interessante, é a cidade que não tem nada melhor", diz um adolescente que preferiu não se identificar. "A diversão é vir ao shopping, comentar sobre as pessoas, suas roupas, companhias... e fazer compras", diz a adolescente Marcela de Carvalho, que carregava uma sacola da Tube e outra do Boticário. "O que venho fazer no shopping? Ah, sei lá!", diz Davi Araújo, 20. GANHE UMA CARONA COM NOSSOS BAIXOS PREÇOS. SUPER DOMINGO. Há um Citröen cinza estacionado no centro da passarela.

Um senhor acompanhado de sua senhora olha demoradamente para o relógio. CINTOS 50%. DESCONTOS BELLES: 15% À VISTA. (SOMENTE EM DINHEIRO E CHEQUE). Iluminação artificial. Um banner do Dia dos Pais mostra um senhor abraçado por uma moça, com os dizeres: DIA DOS PAIS É NO SHOPPING UBERABA. Mais pessoas passam olhando vitrines, que se mostram impecavelmente limpas. Zeladores e zeladoras estão de parabéns.

Ouve-se um leve burburinho sob controle. Um banner de Nutinho e Nuteca anuncia o "Nutty Bavarian", um cone com castanha de caju, ou amendoim, ou amêndoas. Os preços variam de R$1,50 (o Kid's Cone), a R$4,00. Na Decorous Kids, sapatos e sandálias com 50% de desconto. Óculos Multifocais varilux Comfort® em apenas três horas. Relógios Swatch, hidrante, Hobby Haus vende brinquedos como o "Kids Dough Family", ou o "Brincando na Fazenda", ou a "Middle Earth Sword".

Há uma agência do Banco do Brasil em frente a Sugar Sugar – que vende balões infláveis das garotas Superpoderosas, Pokémon e Ursinho Puff. Le Monde vende perfumes "pour homme", como o Azzaro (alguns com 30% de desconto). Na Cia do Som as funcionárias, entediadas, folheiam os CDs, talvez pela milésima vez.

Hidrantes, toaletes, telefones, um rapaz sai de um corredor carregando uma caixa de copinhos de água mineral. Tube Classic, calças Microfibra, 44,90. Fila no stand de sorvete do McDonald's. Duas senhoras entram vagarosamente na Contagio. As portas são escancaradas pelas funcionárias e um perfume insinuante é exalado da loja. Mais um banner do Dia dos Pais. Yellow Baby, Merthiolate e Avalanche são as lojas do outro lado.

Garotas de 10 ou 11 anos, vestidas com blusinhas tricoline, jaquetas paper touch, calças com pregas nos vincos ou calças capri de bolsos frente/costas com rebites e pedras, blusas com babado no decote, blusas de lastex busto duplo, blusinhas de alça com faixa elástica transversal. Outras, ainda mais jovens, usando tomara que caia com drapê nas laterais, top jeans com zíper, saia plissada com recortes bicolor, saia jeans com abertura frontal, jaqueta de moletinho com capuz, faixas de renda com bordado de lantejoulas, bolsa mini baguete jeans, bolsas com franja macramê, com alça tressê, tiaras coloridas, óculos escuros e celular em punho. "Alô mãe!? Tô em frente à Drill Surf Sport".

Um "Musical Tumpet", um "Funny Car", um "Happy Sew Time" e um "Funny Roly Poly" rodam em uma estrutura de vidro

Um pato de plástico, um papagaio de fibra sintética, uma lancheira rosa choque e um baú alaranjado com tarjas pretas, um "Musical Tumpet", um "Funny Car", um "Happy Sew Time" e um "Funny Roly Poly" rodam em uma estrutura de vidro. "Fico só imaginando que jogo é este, o jogo do Big Brother", diz um adolescente em frente à vitrine. "Dezoitim", diz o colega.

Estão em frente à Fashion Polly's. Gatos de pelúcia em cestos de vime, placa de plástico do cartão Visa, bonecos com roupinhas do Flamengo, Palmeiras, Cruzeiro, Batman, Palhaço, Homem Aranha, Corintians, Bruxa, rodam, rodam, rodam na estrutura de vidro, todos de piercing no queixo, ou piercing na sobrancelha, ou piercing no nariz. Um cheiro de plástico e perfume emanam da loja. "Vamos filho, vamos ali na Viramundo. Vou te mostrar outra aranha.", diz uma mãe ao filho de uns quatro ou cinco anos. Duas jovens senhoras saem da Officina. Apesar da luz controlada do shopping, uma delas usa óculos escuros.

Na Funhouse, loja de fliperamas, a mãe sai carregando dois filhos e uma sacola da Atmosfera. Um dos garotos explica: 1 real é o cartão. Um adolescente, com celular em punho, aguarda, no corredor, alguém sair do toalete. Coça a cabeça, vai e vem, olha o relógio.

Bustos brancos exibem colares de jóias. Dois jovens, segurando capacetes de moto, admiram a vitrine. Jovens lambem sorvetes do McDonald's em frente a Carnaby. Outro conta moedas em mesas de vidro em frente ao "Coffee Shop". Na Carmen Steffens, descontos de 10% a 50%. Jovens na vitrine da Estivanelli, balconista da Spazzo, de braços cruzados, masca um chiclete aguardando um cliente. Uma moça fala ao celular, sentada num banco em frente à L'Effleur. Suas duas amigas em silêncio. Uma manuseia uma *piranha* de plástico. Na Polo Ralph Lauren, um banner mostra um homem louro com gumex no cabelo, roupas social sport, a olhar para o horizonte com pose de sedutor.

Vigilantes vigiam. Uma zeladora esfrega o esfregão. Na praça de alimentação, o adesivo na porta de vidro: é proibido entrar cachorro. Cheiro de batata com estrogonoffe. No McDonald's, promoção Nº 4: Cheddar Mc Melt, batata e coca-cola. R$6,00. 100% carne, diz a embalagem, que ainda vem com alguma coisa escrita em braile. Já o Mc Chicken (R$5,95), vem na embalagem, além do braile, a informação: 100% frango.

fotos: André Azevedo

Paulo Leandro, 14; Izabella Saud, 12 e Camila Saud, 13. "Gostamos de passear, ir ao cinema e tomar sorvete"

Pessoas sentadas olham para as que caminham vagarosamente pelos corredores

issuu-downloader.com

Sinfonias de celulares e passos de tamanco fazem ambiente sonoro

Pessoas usam roupas de marca e vestem-se de modo semelhante. Vitrines anunciam promoções e liquidações

André Azevedo
Raika Julie Moisés
Soraya de Sousa Higino
2º período de Jornalismo

No centro da praça de alimentação há quatro aparelhos de TV, sintonizados na final entre Cruzeiro e Payssandu. Na mesa ao lado, dois rapazes comentam que o segundo tempo do jogo promete. Outros preferiram assistir ao jogo em frente a Ponto Frio.

Passos de tamanco de vários timbres estalam pelo piso em diversos ritmos. Celulares vibram e os toques fazem uma verdadeira antologia da música ocidental em midi. Tocam *Stayin alive*, do Bee Gees; *We are the champions*, do Queen; *Vem nenem*, do Harmonia do Samba; *Light my fire*, do The Doors; *I will survive*, de Gloria Gaynor; *As quatro estações*, de Vivaldi, *Brincadeira de criança*, do grupo Molejo, a *9ª Sinfonia de Beethoven*, Hino do Flamengo; *Dancing queen*, do Abba, *Bolero* de Ravel, *Carmina Burana,* de Carl Orff, *Suite N.1 em Dó Maior*, de Bach, além de sucessos do cinema, como *Love´s In The Air*, *Over the Rainbow*, *Jesus Cristo Superstar*, *Hakuna Matata* e *My heart will go on*.

Parece estar tocando algo do Cidade Negra. Um stand faz propaganda do show da banda. Nas lojas de CDs tocam trechos de músicas de sucesso: *Love Never Fails*, de Sandy e Jr; *Na moral*, de Jota Quest, *Alvorada voraz*, do RPM; *Festa*, de Ivete Sangalo, *Stir It Up*, de Bob Marley e Baba baby de Kelly Key.

O ar condicionado faz um som monótono, quase silencioso. Um ou outro frequentador assovia qualquer coisa. Um moço sentado tosse. Adolescentes dão risinhos e saem correndo olhando para trás.

Para o casal Marly Bontempo Rocha e Luciano de Souza Rocha Júnior, o shopping é uma opção muito boa para o encontro entre amigos. "Aqui você encontra todas as classes sociais, todas as idades em busca de lazer e descontração. O shopping depende simplesmente de comunicação e ajuntamento de pessoas, nada mais que isso", filosofam.

No centro da praça de alimentação quatro aparelhos de TV sintonizam a final entre Cruzeiro e Payssandu

Compras, compras, compras

As crianças que entram no shopping, admiram os enfeites. Não faz calor, nem frio. A loja Lua-de-Mel, estava repleta de mulheres bem vestidas, atraídas pelos letreiros da vitrine: "LI-QUI-DA-ÇÃO".

Pessoas passeiam. Outras fazem compras. Sacolas. Sacolas. As que saem do Bretas empurram carrinhos. Arroz, feijão, carne, cerveja, pão, laranja, sabonete, cotonete, açúcar, biscoito – que está na promoção.

Roupas infantis em promoção. Moletom, vestido, camiseta. Livros, *best seller,* manuais, auto-ajuda, agendas, caixas para presente. Mais promoção. ACERTE NO ALVO DA MODA. Manequins masculinos, femininos, altos, gordos, magros, baixos. Olhos vidrados nos mostruários. Reflexos de vultos movimentam-se nas vitrines.

Um mundo encantado para as crianças. Ursos de pelúcia gigantes, bonecas com asas de borboleta, o Homem Aranha grudado na vitrine. Compre seu celular. Biquínis coloridos, calcinhas de tecidos sintéticos, sutiãs transparente. Calçados infantis com efígies do Mickey, Minnie e Pato Donald da Disney, Vaca & Frango e Johnny Bravo do Cartoon Network. Cores, colares e bolsas em miniatura. Jóias, brincos, colares e pingentes cintilam entre etiquetas de cifrões. Ouro. Vera Fisher sentada na porta. Uma mulher saca um cartão Visa de dentro da bolsa.

Óculos de grau, de sol, da *Turma da Mônica*. Para todos os gostos, idades e deficiências visuais. CDs. Lançamentos, clássicos, nacionais, internacionais. Instrumentos musicais. Roupas infantis. Roupas masculinas. Camisas, calças, casacos. Roupas femininas. Vestidos, saias, colares enormes, cintos, bolsas. Perfumes importados. Sapatos em promoção. 50% OFF. *Entre e veja nossa promoção. Bolsas exclusivas Victor Hugo.*

Na vitrine da loja Casa Verde, há uma boneca bochechuda exposta, ao lado de tantos outros artigos de decoração. Uma criança resmunga e a mãe responde: "Se você quer ficar, você fica, enquanto a mamãe vai ao mercado."

Uma loja bem mais ampla. Relógios, cristais, ursos de pelúcia, bonecas, cama, mesa, banho, móveis, eletrodomésticos. Salão de beleza. Pele, cabelos, unhas. Sapatos femininos. Caixas espalhadas. Gente pra lá e pra cá, marcha lenta. PROMOÇÃO. Roupas íntimas, camisola, roupa de cama. Nem é promoção. LIQUIDAÇÃO. Artigos esportivos. Perfumes, xampu, condicionadores. Rosto alegre de uma criança no *banner*. Fotos, revelações, porta retratos.

André Azevedo

Mundo encantado das vitrines coloridas atraem olhares dos consumidores

Aromas são previsíveis

Karine Rogério
2º período de Jornalismo

Ainda no estacionamento já percebemos os odores de asfalto e monóxido de carbono. Entrando no shopping percebe-se uma mudança brusca devido ao ar condicionado que, aparentemente, deixa os aromas mais dispersos. Em todos os lugares nota-se cheiro de cigarro deixado pelos fumantes nos corredores. O mais impregannte dos cheiros é o de *nutty*, doce e forte. No cinema tem-se o já esperado cheirinho de pipoca. Bem em frente ao cinema tem-se uma tabacaria que não tem cheiro de tabaco, diferente das perfumarias que exalam perfumes misturados e fazem propaganda de fragrâncias masculinas para o dia dos pais.

O aroma de churros é poderoso, o da casquinha, suave. Cada pessoa, um perfume diferente; alguns delicados, outros fortes. Algumas lojas possuem cheiro de velas perfumadas, outras cheiram como deveriam mesmo cheirar: as livrarias cheiram a livros, as sapatarias cheiram a couro e cola. Um carro novo da promoção não exala seu cheiro de carro novo. Os banheiros cheiram a sabonete líquido.

Na praça da alimentação os aromas se misturam. Em quase todas as mesas nota-se a presença do chopp enquanto as pessoas assistem ao jogo na TV. O cheiro de batata predomina no ambiente e as pessoas não parecem estar com fome, mas comem.

issuu-downloader.com

Cultura

“Confia-nos sua criança e vá às compras”

Shopping oferece playgound, parquinhos e games para kids e teens passarem o tempo

Felipe Augusto
2º período de Jornalismo

“Confia-nos sua criança e vá as compras”, anuncia a propaganda. Em frente ao supermercado Bretas encontra-se o “Recriança”, um pequeno parque de diversões onde os garotos são deixados ao olhar de três “babás” provisórias, enquanto os pais cuidam de sua própria diversão. Outros parques com o mesmo objetivo são vistos em lanchonetes como o parquinho do “McDonald´s”. Outros pais preferem levar os filhos para as compras.

Crianças aproximam-se do *stand* “Aprenda a votar”, mas são proibidas: apenas a partir dos 16 anos que se pode aprender.

No shopping muitas crianças acompanham seus pais a fim de encontrar alguma diversão que, segundo alguns frequentadores, é escassa em Uberaba.

Uma das diversões oferecidas pelo shopping, são as sorveterias que estão quase sempre lotadas. A meninada fica sentada nos banquinhos distribuídos pelo pátio, tomando sorvete e brincando com os pais.

Outro lugar que oferece diversão para a criançada é a “Funny house” lugar sempre frequentado, que oferece jogos eletrônicos e “playground” para a garotada.

A praça de alimentação também recebe um bom número de crianças e pré- adolescentes, que passam a tarde com os pais ou com os amigos, tomando lanche ou até mesmo bebendo chopinho.

As lojas de brinquedo também são muito frequentadas, o que faz com que a “pirraça” também aconteça por lá.

Uma outra semelhança são os “paizões”, fazendo o papel de mãe, com seus filhos de até mesmo um mês de idade.

Jogos eletrônicos e playground distraem a garotada enquanto os pais divertem-se nas compras

issuu-downloader.com